



## **Cor e Luz<sup>1</sup>**

Isis VIEIRA<sup>2</sup>

Rômulo CORREA<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **RESUMO**

Este trabalho foi pensado na tentativa de somar a estética do corpo humano com as sensações que as luzes e cores podem gerar na observação do objeto fotografado. A contemplação de uma escultura helênica ou de cenas lúdicas do corpo humano, gera uma perspectiva no observador, mas o que ocorre com essa sensação quando somada ao fundo de intensas luzes coloridas, é o que pretende-se responder com essa fotografia. Este trabalho faz parte de um ensaio produzido para responder ao requisito da disciplina Oficina de Fotografia de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

**Palavras-chave:** Fotografia; contraluz; silhueta; cor; sensorialidade

### **1 - Introdução**

Esta imagem foi produzida na tentativa de captar a beleza da silhueta humana. A fotografia em questão faz parte de um ensaio cujo objetivo era explorar momentos do corpo humano durante atividades comuns. Com a inspiração na cena *O treinamento de Pai Mei* do filme *Kill Bill vol.2 (2004)* de Quentin Tarantino, em que mestre e discípula fazem uma bela demonstração de *Kung fu* num plano de contraluz com o fundo vermelho, as fotos foram idealizadas nessa concepção de contraluz em cores vibrantes.

Com a possível remissão ao teatro das sombras chinês na cena citada, a escolha do fundo de luz vermelho é caracterizado pelas teorias da percepção como uma cor vibrante, que remete a fúria ou a paixão, para Israel Pedrosa:

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística

<sup>2</sup> Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: isisbrunavieira@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho, Professor do Curso de jornalismo, email: romulocorreafoto@gmail.com

O fenômeno da *percepção da cor* é bastante mais complexo que o da sensação. Se neste entram apenas os elementos *físico* (luz) e *fisiológico* (o olho), naquele entram, além dos elementos citados, os dados *psicológicos* que alteram e substancialmente a qualidade do que se vê. (PEDROSA, 1995, p.20)

A *cor não tem existência material*, com base nas observações de Israel Pedrosa, contemplamos a elaboração dessa imagem. As sensações conduzidas pela percepção da cor-luz são base das intenções da imagem em questão. Ainda de acordo com Pedrosa:

A cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz - mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina. (PEDROSA, 1995, p. 20)

Nesta imagem, o efeito mais evidente é o de silhueta, mas à ela somamos a luz de fundo azul; a cor tem importante papel na composição da percepção do que se intenciona transmitir na composição desta fotografia.

## 2 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Neste trabalho, utilizamos a técnica da contraluz na composição do conceito fotográfico, segundo Milton Guran:

A posição do fotógrafo em relação à fonte principal de luz representa outro recurso muito importante na composição fotográfica. Com a fonte principal de luz às suas costas, o fotógrafo terá uma cena francamente iluminada, de leitura visual mais fácil e direta. Já a contraluz - quando o objeto fotografado está entre o fotógrafo e a fonte principal de luz - favorece a sutileza e o mistério. (GURAN, 1992, p.34)

Com a luz direta, os objetos apresentam duas faces, uma clara e outra obscura. Para Souriau (2010), a contraluz se dá “quando el objeto ofrece al espectador su lado oscuro”. Ainda de acordo com o autor, a contraluz é um dos fenômenos criados pela luz, que se pode ver tanto na natureza quanto na arte. Em seu *Dicionário de Estética*, o autor numera os nove aspectos estéticos da contraluz, que podem ser concorrentes ou dividir o significado da imagem: o efeito de perspectiva, efeito de silhueta, efeito mistério, efeito escuridão, oposição, efeito horário, artifício, efeito insólito e efeito de claro-escuro. Sobre o efeito de silhueta, ele afirma:

El personaje o el objeto a contraluz carece de modelado (...) aunque su silhueta se dibuja en sombra china. Mientras que con la iluminación directa el modelado prevalece

sobre el contorno, en el contraluz por el contrario es ese contorno el que se destaca. Éste puede ser, por exemplo, una forma de atraer la atención sobre un perfil. ( SOURIAU, 2010, p. 352)

Para Jackson (1911), as primeiras aparições da arte em silhuetas são originárias da Grécia. Mais adiante na História, o livro "Directions for silhouette drawing, and the art of reducing them, together with an introduction dealing with their physiognomical use"<sup>4</sup> de 1779, traz instruções para compor gravuras desse estilo e mostra que o interesse por esse método de compor imagens antecede a criação da fotografia. A origem da expressão silhueta, do francês *silhouettes*, vem do contexto da pré-revolução francesa, nesta época já era comum a arte de cortar perfis de pessoas da Corte em papel preto. Mas a partir de 1759 que este modo de conceber a imagem encontra o nome pelo qual a conhecemos até hoje. Étienne Silhouettes ocupou um dos maiores cargos na administração do Estado francês no século 18, na sua tentativa de equilibrar os gastos do Estado, ele criou impostos sobre sinais de riqueza como artigos de luxo e empregados, comum apenas na Igreja e na Corte que não pagavam impostos na época. Devido às medidas severas, tornou-se figura não grata pelos poderosos da França e ficou apenas oito meses no cargo, mas sua maneira de administrar associou-se a mesquinhez e o termo *à silhouettes* passou a ser usado para coisas consideradas baratas. Com o tempo, a arte do corte de perfil em papel preto tornou-se mais comum, ela forneceu uma alternativa simples e barata para aqueles que não podiam pagar as formas mais caras de retrato, como pintura ou escultura. Por ser uma arte de baixo custo, passou a ser chamada de "silhouettes"<sup>5</sup>.

O desafio da elaboração dessa foto, assim como as outras do ensaio original, foi a fotometria ideal para alcançar o efeito da silhueta com bom contraste à luz do fundo. Num ambiente completamente escuro e com a intensidade da lâmpada diminuída pelo plástico colorido, tornou-se um desafio captar silhuetas bem delineadas pela luz. Assim, a fotometria correta num trabalho de contraluz é fundamental para diferenciar figura e fundo. Além de selecionar bem cada pose para que se torne uma figura compreensível. "A maçã, posicionada contra a luz, não passa de uma silhueta, ou de um contorno. Não fosse o talho na parte superior e o cabinho da fruta, poderia parecer uma figura recortada, ou algum tipo de bola." (MARTINS, 2010, p.210)

---

<sup>4</sup> O título do livro confirma a ligação com interesses científicos que os silhuetistas tinham na época.

<sup>5</sup> Dados extraídos da Enciclopédia Wikipédia.

Para aumentar o destaque entre figura e fundo, a luz foi colocada muito próxima ao corpo da mulher, para que câmera capture o máximo da luz colorida possível e os defeitos da parede sejam preenchidos pelo “banho” de luz. Assim, de acordo com o ângulo e as distâncias focais foi preciso regular a abertura de diafragma e a velocidade de obturação a cada foto, além de utilizar o ISO 400 ou 600, com cuidado também para evitar os ruídos nas partes pretas das fotografias. Para aumentar a intensidade da luz, aumentamos a saturação em algumas fotos do ensaio original com programas simples de edição de imagens.

A câmera utilizada foi Canon XS, com lente Zoom 18-55mm, apesar da pouca luz não foi utilizado tripé para aumentar as perspectivas de ângulos dos modelos no ensaio original. A pouca luz trouxe também esse outro desafio de capturar as imagens sem partes turvas ou borrões provocados pelo movimento do modelo ou tremer das mãos do fotógrafo, algo que não seria uma preocupação caso fosse utilizado flashes ou se a própria iluminação produzida contasse com mais lâmpadas. Plástico Celofane colorido e duas lâmpadas caseiras Fluorescentes

### **3 - OBJETIVOS**

Esse ensaio foi pensado para treinar noções de iluminação na disciplina Oficina de Fotografia lecionada pelo professor Rômulo Correa em 2012.1. O objetivo principal da disciplina era a análise da feição da luz e para isso, vários exercícios práticos foram feitos tanto no estúdio da faculdade, quanto em situações de luz ambiente. Nessas práticas foram abordadas o manuseio de equipamentos como fotômetro e flashes independentes, além explorar as várias perspectivas do uso criativo da luz. Apesar da greve, que nos afastou dos encontros práticos por algum tempo, assim que a ideia surgiu foram buscados os meios para produção do ensaio.

A ideia de anexar luz com cores veio do filme como mencionado, mas também contou com a intenção de passar uma sensorialidade na percepção das imagens. Esta fotografia foi tirada de um ensaio maior. Com as fotos produzidas, em que incluísse essa imagem em questão, foi montado um pequeno vídeo com a sequência de fotos em que uma música<sup>6</sup> se encaixava através das cadências e das sensações criadas pelas cores e poses dos modelos.

---

<sup>6</sup> A música escolhida para o projeto foi *Nude* do grupo Radiohead.



A percepção da imagem é uma preocupação deste trabalho, posto que a saturação das cores e as poses elásticas e lúdicas remetem às cenas mais líricas do cotidiano. A beleza da silhueta da mulher, é somada a vibração sensorial que a luz colorida desperta em que vê a fotografia. Um objetivo desafiador foi optar por fotografar pessoas, e neste trabalho houve a tentativa de superar esse bloqueio. E para além disso, há a tentativa de rumar para extrair o conteúdo da forma, não mostrando olhos e olhares, traços de rostos ou feições dos modelos, essa busca se baseia nos motivos que me guiaram a fazer a disciplina e treinar o olhar de fotografia de pessoas, mas de um modo que escapasse do uso comum dos retratos. Aqui os retratos são de pessoas vivas mas em pose de escultura, um momento congelado dentro dos movimentos daquele corpo.

#### **4 - JUSTIFICATIVA**

A justificativa desse trabalho está na exploração e aprimoramento de técnicas fotográficas para poder explorar melhor a linguagem fotográfica e também os conceitos estéticos que a contraluz pode produzir. Fazer um ensaio de fotografias artísticas pode parecer paradoxal frente às demandas do curso de jornalismo, o qual poderia exigir uma abordagem fotojornalística de algum local, personagem ou acontecimento. Entretanto, na disciplina em que foi produzido este trabalho, o professor nos deixou com liberdade para escolher a modalidade de abordagem em que nos sentíssemos mais seduzidos a praticar. Assim, as justificativas desse trabalho também giram em torno de meus interesses como fotógrafa, mais precisamente sobre a fotografia experimental, com usos alternativos da luz. Diferente da fotografia jornalística, a estética é a maior preocupação. “Una presentación artística es aquella en la que los objetos expuestos, cualesquiera que sean, son presentados de una manera estéticamente afortunada” (SOURIAU, 2010, pág. 143). Além da prática e da estética, há a intenção de compor imagens que mexam com a percepção das luzes coloridas; os momentos do corpo somados às cores intensas permite suscitar projeções e sensações típicas das intenções de um trabalho artístico.

#### **5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Essa foto, como anteriormente mencionado, foi retirada de um grupo maior de fotos. A produção ocorreu numa garagem. O uso do estúdio abrangeria as possibilidades pelas luzes e

fundos já prontos para receber uma sessão de fotos, mas as dificuldades impostas por essas limitações proporcionaram esse recorte temático curioso tanto das poses quanto dos ângulos concebidos. No ensaio original, foram fotografados dois modelos, um homem e uma mulher que tiveram um papel atuante tanto em posar quanto em segurar as luminárias contribuindo bastante para a produção do trabalho mesmo com condições adversas.

Nesse instante capturado, a fonte de luz é uma lâmpada fluorescente caseira de 40 watts, enrolada num celofane azul. A câmera está em plano comum e não é utilizada nenhuma luz externa ou flash. Apenas o brilho da lâmpada com revestimento colorido. Para compor a contraluz, a lâmpada embalada em celofane está atrás da modelo, causando um efeito de luz dura amenizado apenas pelo próprio revestimento do plástico colorido azul. A lâmpada está ligada no bocal de uma luminária improvisada e é segurada junto à modelo, por outra pessoa que está abaixada para não aparecer na imagem.

Kandinsky (1997) aponta o vermelho como uma cor de grande potência de movimento, tendo efeito de estimular as glândulas do corpo, o apetite alimentar e o sexual. A cor remete à intensidade, a fúria, como na cena de luta em *Kill Bill vol 2*. Enquanto que nessa imagem o fundo é azul, passando uma sensação de tranquilidade ou de melancolia para quem vê a foto. De acordo com Kandinsky o azul é uma cor imaterial, que pode despertar no ser humano um profundo desejo de pureza ou de contato com o metafísico. A cor traria a paz e a calma, mas também pode se associar a tristeza quando se aproxima do preto. Para Baxandall,(1997) a retina humana identifica, codifica e reage às nuances cromáticas e intensidades de luz. Essa sensibilidade, comum apenas entre os seres humanos, se apresenta tanto organicamente quanto psicologicamente na pessoa que vê a luz e suas cores.

## **6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando me inscrevi na disciplina de Oficina de Fotografia não esperava o produto que isso resultaria. Resolvi fazer o curso optativo para treinar as práticas fotográficas mais avançadas, principalmente referentes aos usos da luz. Mas havia outro desafio: fotografar pessoas. Nos trabalhos anteriores e em todas as vezes que saía para fotografar, buscava a



natureza, as paisagens ou as plantas, enquanto que as pessoas sempre foram um desafio. O receio de cair no lugar comum do retrato, que não reflete verdadeiramente o fotografado, sempre me acompanhou e eu evitava encarar as retinas das pessoas com as lentes da câmera. Na verdade, esse trabalho pode ser ainda uma confirmação desse medo, afinal, não há olhares, ainda não há um confronto direto entre o fotografado e o fotógrafo, mas essa tentativa frustrada vai acabar respondendo uma outra pergunta. Uma questão que a fotografia que permite os detalhes, pode deturpar a resposta. A fotografia que tem iluminação frontal, com detalhes, rostos e feições muitas vezes se resume a um olhar rápido e displicente; ao julgamento da beleza ou não de quem é fotografado. Queremos pensar que a contraluz pode despertar mais do que isso, trazendo o mistério, a curiosidade, e porque não a troca de papéis - a projeção de quem vê a foto sobre aquela silhueta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAXANDALL, M. **Sombras e Luzes**. tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Rio Fundo, 1992.
- JACKSON, E. N. **History of Silhouettes**, The Connoisseur, London, 1911.
- KANDINSKY, W. **Ponto e linha sobre o plano**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARTINS, N. **Fotografia: da analógica à digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.
- PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. 6 ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano, Editorial, 1995.
- SOURIAU, E. **Diccionario Akal de Estética**, Madrid: Akal, 2010.

## SITES

- [http://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89tienne\\_de\\_Silhouette](http://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89tienne_de_Silhouette), consultado em 15 de maio de 2013
- <http://www.silhouette-man.com/History.html>, consultado em 13 de maio de 2013

KILL Bill Volume 2. Quentin Tarantino, Lawrence Bender, Intépretes Uma Thurman, David Carradine e Outros, Roteiro: Quentin Tarantino, Califórnia: A Band Apart, Miramax Films, Super Cool ManChu, 2004, DVD